



MORTE E SOFRIMENTO

FAZEM PARTE DA CONDIÇÃO HUMANA

O ser humano, em sua essência, vive o eterno paradoxo de ter de viver e esperar a morte, de realizar sonhos e conviver com a derrota, de dar e receber, de fazer algo em função de uma recompensa, de sofrer e de se alegrar. Pode parecer dicotômico, mas não é. Essa é a condição humana.

A Bíblia, um modo antigo e atual de entender a condição humana, abre suas páginas iniciais falando de morte e de sofrimento. No centro, a poesia em forma de oração, os Salmos. Em muitos deles, o sofrimento interioriza a relação com Deus e abre as portas da esperança, que serão fechadas com o Apocalipse, a luta ferrenha contra o poder da morte, em códigos de pura esperança em meio ao sofrimento e a morte dos primeiros cristãos.

Iniciemos nossa reflexão sobre sofrimento e morte na condição humana e, depois, buscaremos iluminação no mundo bíblico.

POR QUE OU PARA QUE SOFRER?

Esses dois questionamentos acompanham o ser humano em sua trajetória

de vida em direção à morte. A única certeza que a condição humana tem, apesar de toda a sua capacidade tecnológica, científica, é que vamos morrer e da morte nenhum vivente escapará: rico, pobre, justo e injusto, todos caminham para um mesmo fim.

Viver é sua sina. Viver sofrendo, buscando sempre a felicidade e explicando o inexplicável. O sofrimento preenche a metade de nossas vidas. A outra metade reside na explicação do Sagrado ou no mistério que nos envolve. A felicidade consiste em momentos, segundos, que chegam e vão logo. Ninguém é feliz eternamente nem plenamente.

Se, no passado recente, influenciado pela religião, o ato de viver sofrendo garantia a salvação, a sociedade moderna não acredita no sofrimento. A mãe educa o filho protegendo-o para não sofrer. As benesses da modernidade, a medicina, a tecnologia, tudo evoluiu para não nos deixar padecer.

Diante dessa realidade, restamos, então, perguntar pelo sentido das coisas. Por quê? Para quê? Dois questionamentos que acompanham nossas vidas. O primeiro remete-nos

ao passado; o segundo, ao futuro. Com perguntas infindáveis, o “porquê” busca razões diante da morte. E vêm as respostas: “Eu podia ter evitado o acidente”; “Eu podia ter socorrido o moribundo”; “Eu podia ter perdoado e recebido o perdão”; “Eu podia, mas não posso mais!”

Já o “para quê” remete ao futuro. Ele não justifica, mas dá um sentido para as coisas. O que aconteceu tem uma razão de ser. Com essa pergunta, a morte ganha um novo sentido. Jesus, na hora morte, na cruz, pergunta: “Pai, para que me abandonastes?” (cf. Mt 26,46). Naquele momento, Ele entendeu que Sua morte era redentora.

A MORTE

A morte faz parte da condição humana. No entanto, os seres humanos sempre tiveram dificuldades de compreender seu significado e a necessidade de sua presença na história de cada um dos viventes. Quando a morte chega, os corações dos vivos, daqueles que verdadeiramente amaram quem partiu para nunca mais voltar, dilaceram-se em uma dor sem-fim. Um padecimento

que parece interminável. Bate no peito, a cada segundo, a dor de dias e de sofrimento intermináveis, uma vontade de rever o ente querido, mesmo sabendo que na vida terrena isso nunca mais será possível. Aquele rosto de mãe, de pai, de filho, de filha nunca mais será visto na forma humana, mas somente pela fé para aqueles que dela nutrem. Aqueles lugares nos quais o falecido e o enlutado festejaram a vida tornam-se espaços de tédio e de sofrimento infinito. Tudo recorda quem partiu. Tudo é morte. O

canto do galo, outrora, sinal de descanso e felicidade, torna-se uma lembrança lúgubre. O amor vivido encontra seu inimigo mortal, a morte.

A medida da dor e do sofrimento corresponde ao valor que o morto teve em vida. Por isso, alguns sofrem mais e outros, menos. Amor e morte são sinônimos. Morre-se por amor. Sofre-se por amor.

O entardecer, quando o dia se fecha em suas energias vitais, uma dor súbita chega sempre com um vigor inexplicável. E como dói saber que não há o que



fazer, a não ser sentir a dor e canalizá-la para a memória do falecido, rezar e seguir a faina do dia que parece declinar como a morte. Quem sabe o dia seguinte será diferente? Não! Não será, pelo menos nos primeiros dias, semanas e meses. Quando o outro dia amanhece, a dor é a mesma. Tudo gira em torno do trágico da vida e perguntas sem-fim acompanham o cotidiano: “Por que isso está acontecendo comigo?”; “Por que não agi desse ou daquele modo?”; “Por que me descuidei na assistência devida?”; “Por que não amei mais?” Os porquês se tornam infinitos. Nada de respostas convincentes, mas apenas possibilidades que não são mais passíveis de realização. Tudo passa e o que podia ter sido feito não mais poderá ser realizado. “Eu podia ter amado mais,

A fé é fundamental para que se compreenda o mistério da morte e sua condição na vida dos humanos. No entanto, o filho que sofre a dor da morte dos pais e a mãe que sofre a dor do filho morto estão todos, igualmente, intrincados por um laço de sangue, um amor conjugal, um cordão umbilical

mas não amei”; “Eu podia, mas não posso mais”. Agora, tudo é passado. E como dói perguntar sem poder voltar ao túnel do tempo.

Com o tempo, a própria condição humana se encarrega de amenizar a dor, mas libertar-se dela é impossível. A dor transforma-se em saudade, em memórias de um bom tempo vivido. O ainda vivente parece conversar com o falecido, estreitar laços que nunca foram alinhados. Recordações de um tempo que já passou e não volta mais. Lembranças! Somente lembranças! E nada mais!

Cada ser humano experimenta de forma diferenciada a dor morte. Perder o pai não é o mesmo que perder a mãe. Para outros, no entanto, a ordem inversa é também verdade. Tudo depende de como nos relacionamos com eles em vida. A mãe será sempre o cordão umbilical que se rompe com a morte. Rompido, chega o vazio da orfandade.

Mãe é o primeiro olhar, a primeira pessoa que vemos ao vir ao mundo. O último olhar na capela mortuária, antes de entrar na tumba eterna, é terrível, é forte, é a dor da morte. Quisera que aquele momento não terminasse nunca. Foi impossível! E aquela que me amou e eu amei tanto se foi no infinito de uma terna lembrança no sono eterno da morte.

Consolos mil cercam os enlutados. “Ele está melhor, sem dor e sofrimento, afirmam com uma certeza incerta”. A história de como ocorreu a morte é repetida infinitamente. Por ironia do destino da morte, abruptamente, todos os que passaram pelo velório voltam para o passar de suas vidas à espera da morte. As perguntas cessam. A dor, não! O tempo do enlutado torna-se infundável. O quase terror de estar só, sem ter ninguém ao lado, contrasta-se com a correria de mortais viandantes que seguem seu percurso alucinante. Não mais se pergunta pelo falecido. Somente os mais próximos, os amigos, continuam a se preocupar com os enlutados. E, sobretudo, aquele que já passou pela mesma experiência é que poderá compreender com exatidão o âmago da dor. Paira no ar uma misteriosa e inaudita ordem: “Não falemos mais nisso! Esqueça o morto! Ele está em outra dimensão, feliz e sem dor! Está junto de Deus!”

Nisso, há outro lado trágico da vida: pensamos que somos completos estando ao lado do outro. Ledo engano, somos seres solitários e completos em nós mesmos. Quem não é uma pessoa bem estruturada internamente desmorona-se quando se defronta com a morte. Acaba entrando em depressão, pois fica o tempo todo buscando a felicidade onde ela não mais existe, no “amor” de sua vida que já foi embora. Quem faleceu não mais vai resolver meus problemas, não mais vai completar o dia, as horas de solidão, o recarregar as energias. Nisso tudo, há outra constatação não menos trágica: somos felizes por nós mesmos. Viver é conviver com a falta.

A fé é fundamental para que se compreenda o mistério da morte e sua condição na vida dos humanos. No entanto, o filho que sofre a dor da morte dos pais e a mãe que sofre a dor do filho morto estão todos, igualmente, intrincados por um laço de sangue, um amor conjugal, um cordão umbilical. Compreendi, com o falecimento de minha mãe, seu lamento, seu sofrimento, durante infundáveis cinco anos, pela morte de meu pai. Como filho, eu procurava consolá-la e, ao mesmo tempo, cuidar dela. Cresci

ouvindo seu choro pela morte de minha avó materna, que faleceu no dia em que ela gerou meu irmão mais velho. Eram idos os anos de 1957. E foi assim, até seu último suspiro, na octogenária caminha da de sua vida. Com a morte de minha mãe, compreendi tudo. Eu me senti órfão de pai e mãe. A outra metade de minha vida foi embora.

O amor é um nó de relações que nos mantém vivos, ajuda-nos a vencer os sofrimentos e coloca-nos no caminho da vida em busca de Deus, o Amor Maior que nos deu como dom a vida. A imagem da vida como se fosse uma viagem de trem me parece elucidativa. Viajamos em comboio, vagões da vida se entrelaçam em uma única corrente, em destinos variados, mas todos chegam à estação final. No entanto, no decorrer do existir, nessa longa trajetória, os lugares vão sendo ocupados com esposo(a), filhos(as), amigos(as), parentes. São todos amigos, mas há também os que não são, porém ocupam seus lugares. No transcorrer da existência, por circunstâncias diversas, os amores mudam, os conhecidos vão mudando de vagão, mas seguem a viagem. Outros deixam de ser amigos e também trocam de vagão. Uns viajam ao nosso lado e nem nos damos conta. Assim parece ser a vida até o dia em que os amores verdadeiros desembarcam definitivamente para nunca mais voltar: mãe, pai, filho(a), esposa(o). Eles descem do “trem” da vida. O comboio segue. A vida continua e não há mais nada a fazer, a não ser conviver com a dor da partida, aceitar a morte dos outros e esperar a própria morte, aumentar a fé e pedir que Deus nos conforte. Seguir

a viagem, apesar do sofrimento, com a mesma fé e a esperança de reencontrar nossos entes queridos na eternidade que não passa, no encontro definitivo com Deus, no Amor e sem sofrimentos.

Para finalizar o artigo, deixo esta reflexão: “A mais profunda sabedoria que o homem pode alcançar é saber que seu destino é ajudar, servir. Temos que vencer o medo de sucumbir. Devemos adquirir para dar. Devemos triunfar para sermos subjugados. O homem deve entender para crer, conhecer para aceitar. A aspiração é ter, mas a perfeição é dar. Este é o sentido da morte: a suprema dedicação de si mesmo ao divino. Assim entendida, a morte não será distorcida pelo desejo da imortalidade, pois o ato de entregar é reciprocidade da parte do homem pelo presente da vida dado por Deus. Para o homem piedoso morrer é um privilégio. Este é o sentido da existência: reconciliar a liberdade com o serviço, o passageiro com o permanente, entrelaçar fios da temporalidade no tecido da eternidade”.¹

“A mais profunda sabedoria que o homem pode alcançar é saber que seu destino é ajudar, servir. Temos que vencer o medo de sucumbir. Devemos adquirir para dar. Devemos triunfar para sermos subjugados. O homem deve entender para crer, conhecer para aceitar. A aspiração é ter, mas a perfeição é dar. Este é o sentido da morte: a suprema dedicação de si mesmo ao divino

NOTAS

¹ HESCHEL, Abraham J. *O homem não está só*. São Paulo: Paulinas Editorial, 1974. p. 302.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



Pietà, Cemitério São Paulo, Pinheiros, São Paulo - SP, autor desconhecido